

RELATÓRIO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Raquel Oliveira Carço das Neves

Conviver com Regras na Educação Pré-Escolar

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Julho de 2014

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Conviver com Regras na Educação Pré-Escolar

Autora: **Raquel Oliveira Carço das Neves**

Orientadora: **Doutora Maria Helena Pratas**

Coorientadora: **Mestre Amélia Mestre**

Julho de 2014

Agradecimentos

Este percurso não foi fácil e nunca teria sido concluído sem o apoio da minha família e dos meus amigos.

Um obrigada especial ao meu avô António, porque apesar de não estar presente foi para o encher de orgulho que entrei neste curso e procurei sempre dar o meu melhor.

Obrigada aos meus pais por estarem comigo em todas as ocasiões, por serem um exemplo para mim e por me terem tornado no que sou hoje. Sem eles nada disto seria possível.

À minha tia, minha madrinha e minha confidente por me dar ânimo, por me incentivar a ser a melhor, dando tudo de mim. Ao meu tio por não me deixar desistir, encorajando-me sempre a lutar pelo meu futuro.

Um grande obrigado aos meus avós por estarem sempre do meu lado, e por mostrarem tanto orgulho em mim, demonstrando o seu carinho com palavras de apreço sobre o meu esforço.

Ao meu namorado e melhor amigo de tantos anos, por estar sempre ao meu lado, apoiando, aconselhando e compreendendo e por nunca me deixar desanimar.

À minha melhor amiga Sara, por me acompanhar, fazer-me sorrir nos momentos mais difíceis, e porque está sempre comigo em qualquer situação.

Às minha amigas Daniela e Raquel por me acompanharem há mais de seis anos e por me mostrarem o quão duradora uma amizade pode ser.

Um grande obrigada às educadoras cooperantes que me deixaram entrar na sua sala, e conhecer as crianças que me fizeram apaixonar ainda mais pela minha profissão, sem elas nada disto teria sido tão proveitoso.

Obrigada a todos os docentes do Instituto Superior de Educação e Ciências, em especial à minha orientadora de estágio da licenciatura professora Madalena Penedo, à Professora Amélia Mestre, orientadora de estágio do mestrado, e à Professora Helena Pratas orientadora do relatório de final de estágio.

Resumo

Este relatório de final de estágio apresentado ao Instituto Superior de Educação e Ciências tem como objetivo relatar oito meses de estágio no jardim de infância Adriano Correia de Oliveira, entre outubro de 2013 e junho de 2014, com um grupo heterogéneo (3 a 5 anos).

Na primeira fase do estágio houve um período de adaptação e só depois desta fase se deu início à fase de intervenção após a definição de uma área de intervenção prioritária: “Conviver com Regras na Educação Pré-escolar”. A escolha desta temática surgiu pela observação da necessidade que as crianças tinham de conhecer e interiorizar o cumprimento de regras para o bom funcionamento do grupo na sala de jardim-de-infância.

Os dois grandes objetivos a atingir até ao final do estágio foram:

- Conhecimento das rotinas da sala.
- Implementação de regras de boa convivência e cooperação.

Ao longo do estágio, implementaram-se estratégias e desenvolveram-se atividades que permitiram a evolução significativa do comportamento das crianças, que passaram a conseguir resolver os seus conflitos pessoais, adquirindo mais atitudes de cooperação que se traduziram numa melhor convivência entre o grupo. A criação de rotinas diárias revelou-se de extrema importância uma vez que o grupo ficou a saber o que se faz em cada momento da manhã, conseguindo perceber a sequência da manhã, algo intencionalmente planeado pelo educador, como defendem as OCEPE (1997).

Palavras-chave

Educação pré-escolar, regras no jardim-de-infância, convivência.

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Índice.....	iii
Índice de figuras.....	iv
Lista de abreviaturas.....	v
1. Introdução.....	1
2. Contextualização da Iervenção.....	2
2.1. Caracterização do Meio Envolvente.....	2
2.2. Caracterização da Instituição.....	2
2.3. Caracterização da Sala.....	3
2.4. Caracterização do Grupo.....	4
3. Perspetivas Educacionais/ Objetivos.....	6
4. Intervenção.....	7
4.1. Conviver com Regras na Educação Pré-Escolar.....	7
4.2. Enquadramento Teórico.....	8
4.3. Prática desenvolvida.....	9
4.4 Atividades mais significativas em contexto de estágio.....	13
5. Reflexão Crítica.....	16
5.1. Resultados Alcançados.....	16
5.2. Avaliação Diagnóstica e Final.....	17
5.3. Validação dos Resultados.....	19
5.4. Reflexão.....	20
6. Conclusão.....	22
Referências Bibliográficas.....	25
Anexos.....	27

Índice de figuras

Fig.1- Análise das atividades desenvolvidas em contexto de estágio	12
Fig.2- Construção do “Pai Gigante”	14
Fig.3- Exposição do “Pai Gigante”	14
Fig.4- Preenchimento do painel de Paul Klee	15
Fig.5- Resultado final	15
Fig.6- Trabalho a pares	16
Fig.7- Resultado final	16

Lista de abreviaturas

OCEPE- Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

TIC- Tecnologias de Informação e Comunicação

1. Introdução

A prática pedagógica desenvolvida deu-nos a oportunidade de nos tornarmos profissionais reflexivos, planeando e refletindo em conjunto com a educadora cooperante, sobre quais os conteúdos mais significativos a abordar com o grupo; esta ideia de professor reflexivo é defendida por Alarcão (2003, citado por Neves 2007).

O estágio decorreu durante oito meses, no jardim de infância Adriano Correia de Oliveira, com um grupo de vinte e duas crianças de três, quatro e cinco anos de idade. Durante a prática pedagógica foi identificada uma área de intervenção prioritária: transmitir a importância das regras e incuti-las no quotidiano das crianças.

Esta problemática surgiu após a observação do grupo, e de uma avaliação diagnóstica, que segundo Pontes (2001 citado por Oliveira 2012), permite ao professor refletir sobre o processo de aprendizagem e adequar os conteúdos a trabalhar. Esta avaliação diagnóstica permitiu a verificação de lacunas que o grupo tinha a nível da Formação Pessoal e Social (anexo 1).

Após o período de observação, iniciou-se o período de intervenção, onde foi estabelecida a área de intervenção prioritária na qual foram estabelecidos dois objetivos:

- Conhecimento das rotinas da sala.
- Implementação de regras de boa convivência e cooperação.

Relativamente à estrutura do relatório, este apresenta seis apartados, o primeiro refere-se à introdução, o segundo às caracterizações realizadas ao longo do estágio, no terceiro apresentam-se as perspetivas educacionais definidas inicialmente, e no quarto toda a intervenção realizada com o grupo; o penúltimo ponto apresenta uma reflexão crítica do que foi feito e do que poderia ter sido feito ao longo dos oito meses da prática pedagógica e por último, surgem as conclusões.

2. Contextualização da Intervenção

Na primeira fase da prática pedagógica foram elaboradas caracterizações do meio envolvente, da instituição, da sala e do grupo com o objetivo de fornecer mais informações sobre o contexto em que estava a ser desenvolvida a prática.

2.1. Caracterização do Meio Envolvente

A ligação do meio à prática pedagógica é de extrema relevância, pois segundo as OCEPE (1997), a localidade em que as crianças frequentam o jardim-de-infância influencia, de forma indireta, a sua educação.

O jardim-de-infância Adriano Correia de Oliveira está situado em Lisboa, na freguesia de Santa Maria dos Olivais. A freguesia dos Olivais é uma zona urbana, onde predominam as zonas verdes e as habitações são essencialmente blocos ou torres de apartamentos.

A comunidade dispõe de variadíssimos recursos, como cafés, farmácias, bombeiros, centro de saúde, estação de correios, bibliotecas, quinta pedagógica, esquadra de polícia e um centro comercial. Junto da instituição há várias zonas verdes.

Todos estes locais podem ser visitados com o grupo, tendo um fácil acesso a pé.

2.2. Caracterização da Instituição

O conhecimento do contexto institucional na educação pré-escolar é fundamental, pois como defendem as OCEPE (1997), este deve ser um ambiente que promove o desenvolvimento e aprendizagens das crianças, sendo assim um dos suportes no trabalho dos educadores.

O jardim-de-infância Adriano Correio de Oliveira pertence ao agrupamento de Escolas Fernando Pessoa, e partilha o mesmo espaço físico com o Ensino Básico 1º Ciclo. As duas instituições situam-se no concelho de Lisboa, na freguesia dos Olivais, na zona Sul.

O jardim-de-infância é uma escola pública construída pela Câmara Municipal de Lisboa no ano letivo de 2004/2005. Funciona num edifício único, com quatro salas, todas elas com saídas para o exterior; tem uma sala polivalente, um *hall* de entrada comum, quatro casas de banho, duas delas partilhadas pelas crianças das salas A e B, e C e D, uma casa de banho adaptada para pessoas portadoras de deficiência e outra para adultos. Uma sala de educadores, duas arrecadações e uma sala para auxiliares com uma pequena copa e ainda uma sala polivalente, onde ficam as crianças que têm CAF (componente de apoio à família). O refeitório onde as crianças almoçam e o ginásio onde se realizam as aulas de psicomotricidade situam-se no edifício do 1ºCiclo.

Todos os edifícios se encontram em bom estado, sem nenhum sinal de degradação.

O funcionamento das salas de jardim-de-infância é bastante idêntico, dado que as educadoras planeiam em conjunto os temas a trabalhar, podendo diferir a forma como se trabalha o tema.

O jardim-de-infância não segue nenhum modelo específico, podendo cada educadora escolher as metodologias que preferir.

2.3. Caracterização da Sala

Segundo Portugal & Laevers (2010), as crianças têm que se sentir bem na sala de atividades e esta tem que estar devidamente organizada para que, através das atividades propostas, se consigam desenvolver todos os domínios.

Cardona (2007) defende que o processo ensino- aprendizagem está diretamente relacionado com a disposição da sala, dado que a mesma pode condicionar a organização do grupo e dos materiais, interferindo diretamente com as atividades que se podem desenvolver naquele espaço.

A sala onde foi realizada a prática pedagógica é a sala B, ou a sala amarela, é uma sala ampla e luminosa, dividida por cantinhos, organizados pela educadora e pela estagiária.

A caracterização da sala foi construída com o apoio dos guiões de avaliação de Cardona (2007), preenchidos com a ajuda da educadora cooperante (anexo 2).

Durante o período de observação, a sala estava disposta de outra forma (anexo 3). Ao longo do tempo em que desenvolvemos o trabalho com o grupo houve a necessidade de alterar a disposição da sala, nomeadamente o local da área do tapete. A alteração da disposição deste elemento contribuiu para o desenvolvimento positivo das atividades propostas, tendo em conta a área de intervenção prioritária.

O espaço encontra-se organizado de forma funcional (anexo 4) e todas as crianças sabem onde se encontra o material ou os brinquedos de que necessitam, tornando-os mais autónomos na realização das atividades.

2.4. Caracterização do Grupo

Segundo as OCEPE (1997), é fulcral conhecer as crianças e o grupo para conseguir adequar a prática educativa às necessidades reais do grupo. O educador deve conhecer o seu contexto familiar, bem como o meio em que as crianças vivem, de modo a perceber melhor as características das crianças e como trabalhar com elas.

O grupo é constituído por vinte e duas crianças, dez meninas e doze meninos. É um grupo heterogéneo com crianças entre os três e os cinco anos.

Através de registos diários, onde foram registadas as informações mais relevantes da sala e através da observação sistemática - que consiste, segundo Reuchlin (1969), em destacar os processos e apresentar coerência nos resultados obtidos, utilizando “técnicas rigorosas em condições suficientemente bem definidas para serem repetidas” (Reuchlin, 1969 citado por Estrela 1994, p.40) - foram construídas listas de verificação de competências com base nas metas de aprendizagem e através das quais foi possível reunir informações que caracterizam o grupo de estágio (anexo 1).

A nível do Conhecimento do Mundo, a maioria do grupo consegue localizar elementos dos seus espaços de vivência, todas as crianças de cinco anos conseguem distinguir unidades de tempo básicas embora com as crianças de três e de quatro anos ainda seja algo a trabalhar. Todas as crianças se conhecem a si mesmas, identificando as suas características pessoais, no entanto todas as crianças apresentam grandes

dificuldades em nomear, ordenar e estabelecer sequências de diferentes momentos da rotina diária.

A área da Formação Pessoal e Social foi a área onde se notaram as maiores lacunas, nenhum elemento do grupo não conseguia identificar momentos da rotina diária da sala, as crianças não conseguiam esperar pela sua vez para intervir, no entanto mostraram sempre um grande espírito de entreatajuda e de partilha.

A área das expressões é aquela pela qual o grupo mostra maior interesse. A área de expressão plástica é bastante trabalhada pela instituição, dado que todos os dias, as crianças fazem um desenho, de manhã, após a sua chegada. No entanto, há muitas crianças que ainda não conseguem desenhar a figura humana e não têm nenhuma intencionalidade no seu desenho. Também há crianças que desenharam a figura humana na perfeição, bem como pormenores bastante interessantes. Todos conseguem fazer colagens, quer de papéis grandes, quer de papéis mais pequenos, embora ainda haja duas ou três crianças que têm que ter sempre alguém presente na hora de colar, porque metem cola num lado da folha e tentam colar o lado que não tem nada.

Em relação à expressão dramática, só foi possível observar a brincadeira do faz de conta, na área da casinha, onde as crianças conseguem desempenhar diferentes papéis e onde se organizam sem qualquer dificuldade.

A nível da expressão motora, o grupo está bastante desenvolvido, conseguindo realizar percursos que envolvem várias destrezas, participam em jogos infantis, com intencionalidade, respeitando as suas regras.

A nível da expressão musical o grupo foi mostrando evolução, bem como na dança.

Na área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, algumas crianças revelavam dificuldade em manter uma conversa e em responder a perguntas sobre um tema. Os restantes membros do grupo não apresentam dificuldades a este nível. Em relação à escrita, apenas algumas crianças de 5 anos já escreviam o seu nome e já reconheciam algumas palavras do quotidiano.

Na fase inicial só foi possível fazer a avaliação do grupo de 5 anos, na área da matemática, porque eram os únicos que tinham aulas de matemática, sendo que as crianças mais novas, não tinham esta oportunidade

As crianças demonstraram conhecer os números até 10 e realizar operações simples.

Em relação às TIC, não foi possível fazer uma avaliação.

3. Perspetivas Educacionais

No início do nosso estágio, começámos por observar o grupo de crianças. Esta observação foi fundamental, porque podemos conhecer pormenorizadamente o grupo, bem como a realidade educativa, tal como defende Estrela (1994).

Numa primeira fase elaborámos a caracterização do meio, da instituição, do grupo e uma caracterização individual de cada criança.

A caracterização do grupo e a individualizada é fundamental para conseguirmos perceber quais as necessidades que o grupo tem e de que forma conseguimos dar resposta a essas mesmas necessidades durante o período de estágio, tal como referido pelas OCEPE (1997).

O grupo é bastante autónomo e as crianças de três e quatro anos ajudam-se bastante entre elas, ao passo que as crianças de cinco anos tendem a ficar apenas com as crianças da sua idade.

Apesar da entreaajuda, verificou-se que todo o grupo tem em comum a falta de regras e de rotinas: não conseguem estar sentados no tapete, têm alguma dificuldade em distinguir a hora de brincar da hora de trabalhar, não respeitam os colegas ou os adultos da comunidade escolar.

4. Intervenção

Segundo Freire (2001, citado por Felício & Oliveira, 2008) o estágio da prática pedagógica permite formar um profissional reflexivo que tenha como objetivo desenvolver aprendizagens significativas para o seu grupo.

Durante o desenvolvimento da prática pedagógica tentámos que todas as áreas de aprendizagem fossem trabalhadas, com o objetivo do desenvolvimento global do grupo, no entanto a área de maior enfoque foi a área da Formação Pessoal e Social dado que havia a necessidade de o grupo conhecer e interiorizar o cumprimento de regras para o bom funcionamento na sala de jardim-de-infância.

Brazelton e Sparrow (2013) defendem que as regras permitem uma boa convivência com os adultos e com as crianças de toda a comunidade escolar, respeitando as suas decisões, e dando a entender ao grupo que há tempo para trabalhar e tempo para brincar no jardim-de-infância, definindo, conhecendo e observando as rotinas da sala.

4.1 Conviver com Regras na Educação Pré-Escolar

Ao longo do período de estágio, e através da observação e da interação direta, foi possível verificar que este grupo ainda não compreendia bem qual a dinâmica de uma sala de jardim-de-infância, nem conseguia perceber qual o período de trabalho e qual o período de brincadeira. Após um período de reflexão de como poderíamos implementar um trabalho consistente com o grupo, e como o conseguiríamos ajudar a melhorar, decidimos escolher o tema “Conviver com Regras na Educação Pré-Escolar”, como campo de ação prioritário a desenvolver com o grupo.

Consideramos que é uma área de extrema importância- a do comportamento- e fácil de integrar no projeto de escola: “As Artes”.

Como é um grupo heterogéneo, tivemos em conta que há crianças que para o ano farão a transição para o 1º ciclo, que terá de ser feita de forma natural e simples, por isso, tentámos proporcionar-lhes aprendizagens significativas para conseguirem responder, de forma adequada, a esta nova fase que se aproxima.

Como já foi referido, os dois grandes objetivos a atingir até ao final do estágio foram:

- Conhecimento das rotinas da sala.
- Implementação de regras de boa convivência e cooperação.

4.2. Enquadramento Teórico

A área de intervenção prioritária definida foi “Conviver com Regras na Educação Pré-Escolar”. Como refere Marques (2011), as regras não só não traumatizam ninguém, como são importantes para as crianças saberem lidar com o “não”, tentando controlar a frustração e a contrariedade, bem como conhecer os seus limites.

Para uma boa vivência em sala, as crianças têm de se respeitar umas às outras, assim como a todos os elementos da comunidade educativa tanto ao nível do espaço individual de cada um, como ao nível das emoções, pois segundo Brazelton e Sparrow (2013), a criança tem de perceber os seus sentimentos para depois poder compreender os dos outros. Os mesmos autores defendem ainda que a disciplina é sinónimo de aprendizagem, tendo um papel fulcral nas conquistas das crianças (Brazelton & Sparrow, 2013). As regras permitem uma boa convivência com os adultos e com as crianças de toda a comunidade escolar, respeitando as suas decisões, e dando a entender ao grupo que há tempo para trabalhar e tempo para brincar no jardim-de-infância, definindo, conhecendo e observando as rotinas da sala.

Hohmann & Weikart (2003) defendem que a existência de uma rotina diária permite às crianças compreenderem a sequência e o significado dos acontecimentos do dia.

Segundo Tavares et al. (2007) “A criança pré-escolar não adquire apenas mais capacidades e informação, como também passa por mudanças significativas na forma como pensa e como atua” (p.51); sendo assim a aplicação das regras a longo prazo, dá a entender às crianças que a forma como atuam influencia todo o grupo e todo o seu trabalho.

Segundo alguns psicólogos do desenvolvimento, na faixa etária do pré-escolar, a nível do desenvolvimento cognitivo, as crianças possuem um pensamento mágico que

as faz acreditar num mundo imaginário (Piaget, citado por Tavares et al., 2007). A criança encontra-se no estágio pré-operatório, que se caracteriza pelo “desenvolvimento sequencial de uma ideia, de acordo com determinados princípios lógicos” (Tavares et al., 2007, p.52). Nesta fase a criança é bastante egocêntrica, tal como defende Piaget (citado por Tavares et al., 2007), isto é, a criança pensa que o mundo gira à sua volta, vendo apenas o mundo do seu ponto de vista, não pensando nos outros, o que se pode refletir em contexto de sala de atividades.

A nível do desenvolvimento psicossocial, durante esta faixa etária “a criança vai adquirindo uma compreensão maior de si própria e do seu lugar e papel num contexto social específico” (Tavares et al., 2007, p.55). A criança consegue perceber o que se espera dela, a nível familiar e a nível escolar, conseguindo, segundo os mesmos autores, distinguir o que é certo e o que é errado. Entre os 2 e os 6 anos a criança, tem uma maior capacidade de socialização.

Segundo Erikson, a criança desta idade encontra-se no estágio *iniciativa versus culpa*: “o perigo desta fase passa por um sentimento de culpa relacionado com objetivos traçados e não cumpridos, dada a ausência de sentimentos promotores de atitudes de iniciativa. Nesta situação, a culpa é internalizada, isto é, a criança interioriza o mundo exterior, particularmente a culpa sentida, com as suas regras e normas, adequando os seus comportamentos a essa realidade” (Erikson, 1976, citado por Tavares et al. 2007, p. 55). Esta fase ocasiona intensas emoções com as quais as crianças deverão conseguir lidar.

4.3. Prática Desenvolvida

A prática desenvolvida ao longo do período de estágio dá a oportunidade ao estagiário de observar e interagir diretamente com um grupo de jardim-de-infância, durante três manhãs. Canário (2001 citado por Pereira & Galeão, 2003) defende que os docentes aprendem nas escolas, aprendendo com a experiência que a sua formação inicial lhes dá.

Após o período de observação, entre outubro e novembro, demos início à intervenção, apresentando atividades ao grupo. Estas atividades surgiram das planificações quinzenais feitas pelas quatro educadoras da instituição e através do apoio

do plano anual curricular (anexo 5), realizado pelas quatro educadoras e pelas quatro estagiárias.

Na fase anterior à escolha da área de intervenção prioritária, planificámos as atividades de acordo com o método de trabalho da educadora cooperante, isto é, as atividades eram realizadas em pequenos grupos e nunca ocupando mais de vinte minutos da manhã; enquanto umas crianças faziam a atividade, as outras estavam a brincar nos cantinhos disponíveis da sala.

Durante este tempo, foi possível observar a falta de regras que existia entre as crianças e os adultos e com as outras crianças (anexo 6- relatório diário de 22.10.2013). As crianças não conseguiam estar mais de dez minutos sentadas no tapete, não conseguíamos manter um diálogo sobre qualquer tema, não era possível contar uma história, nem cantar em conjunto (anexo 7- relatório diário de 18.11.2013).

Neste período verificámos também que não existia uma rotina diária na sala, por exemplo havia dias em que a educadora apresentava atividades ao grupo e este aderira e as realizava e outros dias em que as atividades só eram realizadas pelos elementos que quisessem e os restantes iam para os cantinhos brincar (anexo 8- relatório diário de 28.10.2013).

Após o período de observação, da construção de listas de verificação de competências com base nas metas de aprendizagem, com o objetivo de verificar o nível de desenvolvimento das crianças nas diferentes áreas, chegámos ao tema da área de intervenção prioritária, “Conviver com Regras na Educação Pré-Escolar”; optou-se por trabalhar com as crianças todas ao mesmo tempo, de modo a que houvesse uma lógica na manhã, transmitindo ao grupo que na sala havia regras e horas para realizar as atividades.

Segundo Estrela (1994), o educador tem de observar cada momento do seu grupo para poder estar preparado para reagir em cada momento. Ao identificar como pode alterar comportamentos, conseguirá também escolher estratégias adequadas aos objetivos definidos.

As estratégias para implementação das rotinas na sala de atividades passaram pela marcação obrigatória das presenças de todas as crianças, pelo prolongamento do momento do tapete, através de diálogos, contos e canções, conseguindo que as crianças

se respeitassem no momento de expressar a sua opinião. No início foi bastante complicado manter o grupo no tapete, muitas vezes utilizaram-se brinquedos ou livros que as crianças traziam de casa, para despertar um maior interesse. Frequentemente foi explicado ao grupo que teria que haver espaço para que todos pudessem participar, respeitando o espaço de cada um.

Outra estratégia adotada foi a realização de atividades a pares ou em grupo, indo ao encontro do que defendem as OCEPE (1997), de que o educador deve proporcionar ao grupo uma aprendizagem cooperativa, promovendo um ambiente em que as crianças se ajudam mutuamente e ultrapassam as suas dificuldades. Através destas atividades as crianças desenvolveram o espírito de cooperação, importante para a autonomia das mesmas, pois como defende Piaget (1932, citado por Leleux, 2006) quando mais autónoma for a criança, maior será a sua capacidade de cooperação.

Ao longo de toda a prática pedagógica, tentou-se trabalhar todas as áreas, dando mais ênfase às expressões, porque o tema do projeto curricular de escola era “As Artes”, tendo sempre como base a área da Formação Pessoal e Social.

De seguida é apresentada uma imagem que representa as áreas e os domínios de aprendizagem mais trabalhados, as atividades previstas e realizadas, as atividades previstas e não realizadas e as atividades não previstas e realizadas (figura 1).

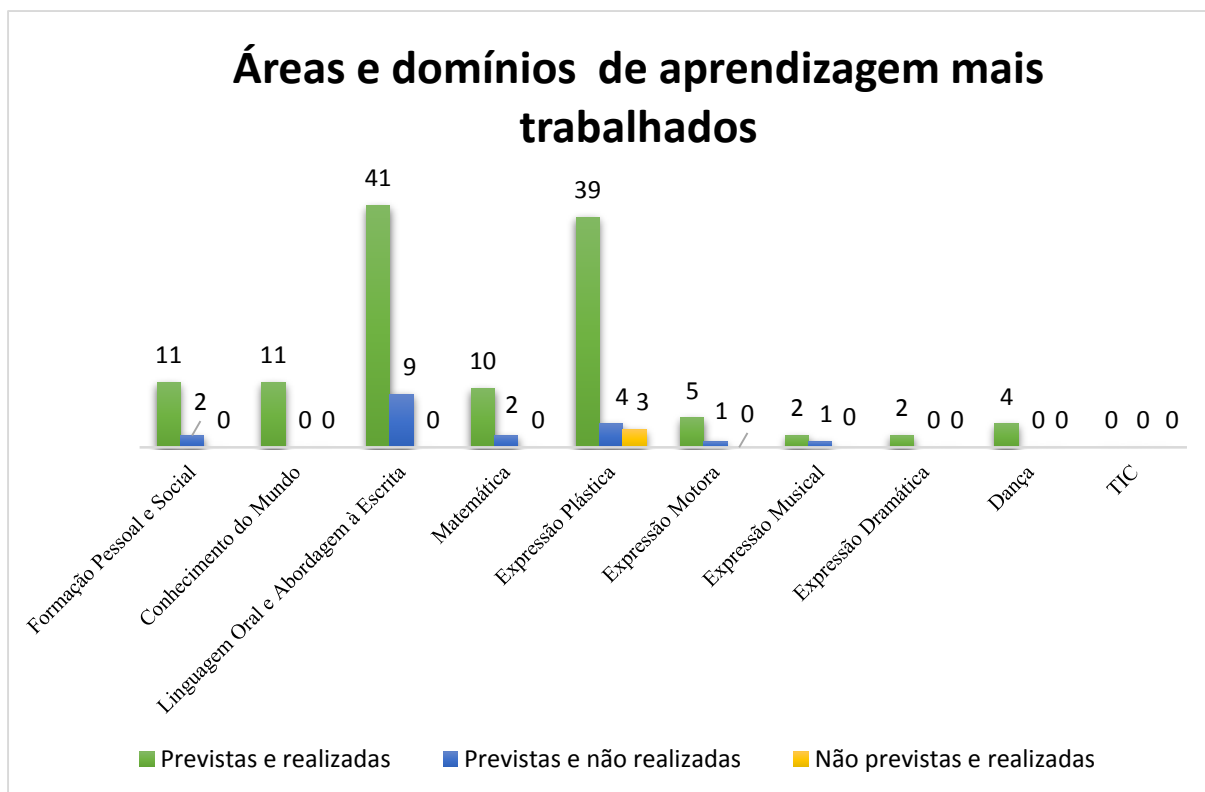


Fig.1- Análise das áreas e domínios de aprendizagem mais trabalhados.

Ao analisarmos a imagem verificamos que as atividades previstas foram na sua maioria realizadas, porque foi sempre apresentada com antecedência a planificação à educadora cooperante e sempre que surgiam alterações, estas eram feitas antes da aplicação da atividade.

Apenas algumas atividades propostas não foram realizadas, porque surgiram trabalhos que tinham de ser acabados com a maior brevidade possível, como as prendas para o dia da mãe.

A imagem indica que a área mais trabalhada foi a linguagem oral e abordagem à escrita, devido a inúmeras conversas com o grupo no tapete, contos de histórias e aprendizagem de poemas.

A área que nunca foi trabalhada foi a área das TIC, porque apesar de a sala dispor de um computador, este não funcionava. Apesar das crianças terem ido com uma das educadoras ao edifício do 1ºCiclo para a apresentação de um *powerpoint*, estas não mostraram um grande interesse pela pesquisa na internet, nem por explicações meramente expositivas (anexo 9- relatório diário de 14.01.2014), sendo por isso uma área que não foi abordada.

A área da formação pessoal e social, relacionada com a área de intervenção prioritária, foi trabalhada especificamente em algumas atividades, mas foi sempre trabalhada de forma transversal em todas as propostas desenvolvidas. Apesar de não ser a área que apresenta mais atividades, a escolha para melhorar o comportamento do grupo, recaiu em alterar as estratégias de trabalho e não em trabalhar especificamente algo da área da Formação Pessoal e Social.

4.4. Atividades mais significativas em contexto de estágio

Apresentamos três atividades mais significativas em contexto de estágio, tentando dar a conhecer algum do trabalho desenvolvido ao longo do ano. As atividades escolhidas serão apresentadas por ordem de execução e têm uma maior incidência sobre a área da formação pessoal e social, por ser o tema da área de intervenção prioritária, e da expressão plástica, porque o tema do projeto curricular de turma era as “Artes” e o nosso trabalho teve sempre como base este tema.

A primeira atividade significativa decorreu no mês de março e foi escolhida por ter sido um momento de partilha entre o grupo, dos primeiros que conseguimos ter. Todas as atividades planeadas eram pensadas de forma a que todo o grupo pudesse participar uma vez que também tínhamos como objetivo que as crianças se conhecessem melhor.

Segundo as OCEPE (1997) a educação para os valores não é algo escolarizado, é nas relações com os outros que a criança vai adquirindo os valores, conseguindo valorizar as suas atitudes e as dos outros, fazendo o que pensa ser melhor para si e para a coletividade.

Para sustentar a teoria da partilha, Cordeiro (2010) refere que os momentos de grande grupo têm como objetivo partilhar informações, ajudar as crianças a construir o sentido do “nós” e do “nosso”. O autor apresenta alguns pontos característicos destes momentos: “falar livremente sobre ideias e observações; resolver um problema em conjunto; ter prazer de fazer coisas em conjunto; promover a socialização e a relação com os outros” (Cordeiro, 2010 p.74).

Conversámos um pouco sobre o dia do pai e depois todas as crianças partilharam o que costumavam fazer com os pais, estávamos sentados no tapete, e à medida que cada criança ia dizendo o que mais gostava de fazer com o pai, íamos anotando. Neste momento todas as crianças aguardaram pela sua vez e muitas delas questionaram as outras sobre o porquê de fazerem tal atividade com o pai, e queriam saber mais sobre as relações que todos estabeleciam com o respetivo pai. Após a partilha, as crianças de cinco e seis anos escreveram as suas frases num “Pai Gigante” desenhado em papel de cenário e as crianças de três e quatro anos ilustraram o papel, enquanto as suas frases foram escritas por nós.



Fig.2. Construção do “Pai Gigante”



Fig.3. Exposição do “Pai Gigante”

A segunda atividade surgiu da planificação quinzenal das educadoras, no mês de Junho, no seguimento da apresentação do pintor Paul Klee e das suas obras.

As quatro estagiárias elaboraram um painel, baseado no trabalho do pintor, através do uso da linha (usado por Paul Klee). O objetivo era que cada sala ficasse com uma parte do painel e quando se juntassem as quatro partes, originasse resultados diferentes, apesar de serem todos decorados da mesma forma, utilizando bocadinhos de papel colorido.

Cada parte dos quatro painéis era grande e não poderia ser colocada em cima de uma mesa, porque iria ocupar o espaço de trabalho das crianças. Foi colocado no chão e quatro crianças de cada vez preencheram um pouco do painel, com os bocadinhos de

papel colorido, escolhendo para cada parte a cor que queriam. As crianças que não estavam a trabalhar no painel estavam a colorir uma obra do pintor.

O grupo organizou-se bastante bem e todos realizaram os dois trabalhos que estavam a decorrer em simultâneo. Na decoração do painel as crianças distribuíram tarefas sozinhas; por norma uma de cinco ou seis anos colocava a cola na folha e as restantes tiravam os papéis das caixas e colavam nos locais apropriados, desenvolvendo um trabalho de cooperação como defendido anteriormente na análise da prática desenvolvida, quando referido o que dizem as OCEPE (1997), de que o educador deve proporcionar ao grupo uma aprendizagem cooperativa, promovendo um ambiente em que as crianças se ajudam mutuamente e ultrapassam as suas dificuldades.



Fig.4- Preenchimento do painel de Paul Klee



Fig.5- Resultado final

A última atividade surgiu também no mês de Junho, na época dos Santos Populares. As estagiárias das salas A e B organizaram um arraial, simulando a época festiva, mas antes prepararam decorações para colocar nesse mesmo arraial. No tapete falámos sobre a festa dos “Santos Populares”, onde conversámos sobre o que se comia nestas festas, umas das coisas que as crianças disseram foi “sardinhas”, expliquei ao grupo, que como não podíamos fazer sardinhas no arraial, a única coisa que poderíamos fazer era decorar sardinhas, para colocar na parede no dia do arraial. As crianças decoraram uma sardinha com papel de revista, mas realizaram a atividade a pares, dado que só havia uma revista para cada duas crianças o que promoveu as relações sociais e a aquisição de competências de “liderança, comunicação, cooperação, papéis e regras” (Papalia et al. 2001, p. 484). Foi a primeira vez que experimentámos o trabalho entre pares, uma vez que já tínhamos trabalhado em grande grupo e depois em pequenos

grupos, trabalhamos nesta atividade, a pares, para perceber se o grupo já o conseguia fazer.



Fig.6- Trabalho de pares



Fig.7- Resultado final

5. Reflexão Crítica

Segundo os Padrões de Desempenho Docente (Despacho nº 16034/2010, 22 outubro) o educador de infância deve estar em constante atualização a nível profissional e numa atitude reflexiva das suas práticas, recorrendo à sua formação para o melhoramento das mesmas, reforçando a ideia de que um educador reflexivo tem uma maior probabilidade de conseguir desenvolver práticas mais adequadas ao seu grupo.

5.1. Resultados Alcançados

Durante todo o período de prática pedagógica, foram realizados relatórios diários, que funcionaram como notas de campo, onde foram descritas conversas, atividades e ações das crianças e dos intervenientes da comunidade educativa, através dos quais foi possível reunir informação mais detalhada sobre o grupo, e também como afirmam Bogdan & Biklen (1994), permitiram uma reflexão sobre a prática desenvolvida.

Através da realização dos relatórios diários, conseguimos perceber, em alguns casos, o grau de satisfação das crianças em relação a determinadas atividades, como se pode verificar no relatório diário de 25.11.2013 (anexo 10).

Em alguns destes relatórios é possível também observar a evolução do grupo em relação aos objetivos propostos, como a de interiorização das regras como podemos observar no relatório diário de 03/06/2014 (anexo 11). As crianças compreenderam que havia liberdade para alterar um pouco as rotinas da sala, alterando o tema a falar no tapete, dando liberdade a uma das crianças para mostrar a “surpresa” que tinha trazido de casa para as restantes observarem, no entanto quando pedi à criança para ir arrumar a caixa, porque já estava na hora de irmos para a mesa trabalhar, a criança fez o que lhe tinha sido pedido e sentou-se rapidamente no seu lugar, incentivando os outros a fazer o mesmo, para iniciarmos a atividade proposta para a manhã.

Após a interiorização do respeito das regras da sala, as crianças, mostraram uma atitude diferente da inicial; o grupo já conseguia aceitar o que os adultos diziam, já conseguíamos ter momentos de partilha de experiências no tapete, já havia tempo para trabalhar e todas as crianças se mostravam disponíveis para realizar as atividades propostas.

5.2. Avaliação Diagnóstica e Final

Na fase de observação do grupo, para além dos relatórios diários, foram também construídas listas de verificação de competências, baseada nas Metas de Aprendizagem, através das quais pudemos perceber qual a área onde o grupo necessitava de uma maior intervenção.

Através da análise dessas listas de verificação de competências, verificámos que a área onde as crianças apresentavam maiores lacunas era a da Formação Pessoal e Social, principalmente, ao nível das regras e das rotinas da sala. Foi a partir desta análise que partimos para a área de intervenção prioritária “Conviver com Regras na Educação Pré-Escolar”. No final do estágio foi possível verificar no grupo grandes diferenças a este nível, como se pode observar na lista de verificação de competências construída no final do ano (anexo 12). Esta grelha contempla todas as áreas de aprendizagem, uma vez que tentámos trabalhá-las de forma transversal, para um desenvolvimento global do grupo.

Apesar de o grupo inicialmente ser constituído por vinte e duas crianças, as listas de verificação de competências não contemplam esse número total de crianças, pois três

dessas crianças, faltavam constantemente e não foi possível observar a sua evolução, dado que não se obtiveram registos suficientes para fazer a sua avaliação.

A maior evolução foi feita ao nível do cumprimento das regras da sala, algo que tentámos inculcar no grupo através de conversas com o mesmo e de estratégias de implementação das atividades, como o trabalho em grupo e a pares, e também no reconhecimento de rotinas da sala, algo que o grupo não tinha interiorizado, começando a manhã sempre com a marcação de presenças, seguido do desenho no caderno, depois sentar no tapete para cantar e conversar um pouco sobre o que iríamos fazer ao longo da manhã e escolher o chefe de sala, de seguida as crianças tomavam o reforço da manhã e depois realizavam a atividade proposta e só depois iam para o recreio ou brincar pelas áreas. As manhãs foram sempre planeadas por esta ordem o que permitiu ao grupo adquirir a noção de rotina.

Em relação às interações, as crianças mostraram um maior nível de maturação nas interações, quer com as crianças, quer com os adultos, havendo um maior respeito para com cada pessoa. Mostraram-se também capazes de resolver conflitos entre elas, através do diálogo.

A nível das competências curriculares o grupo mostrou notórias melhorias.

Na área do Conhecimento do Mundo as crianças mostraram uma grande evolução, através dos temas propostos.

Em relação à área da Formação Pessoal e Social, área de intervenção prioritária, as crianças tornaram-se bastante mais responsáveis, tendo influência no seu comportamento. As regras da sala eram cumpridas, as rotinas eram respeitadas e todas as crianças participavam nas atividades propostas.

A área das expressões sempre se destacou pela positiva, mas também houve melhorias, através dos conteúdos trabalhados. A nível da expressão motora, o grupo encontra-se bastante desenvolvido. Através das aulas de psicomotricidade, as crianças conseguiram compreender melhor como jogar um jogo em grande grupo, cumprindo as regras do mesmo.

Em relação à expressão dramática, foi realizada uma atividade neste domínio, que deu para perceber que as crianças conseguem recuperar bem os conteúdos das histórias e conseguem perceber qual o papel que cada um tem de desempenhar.

Na área da expressão plástica, as crianças não revelam qualquer dificuldade, porque é uma área bastante trabalhada e sobre a qual incidem a maioria das atividades propostas.

Para um melhor desenvolvimento da expressão musical, começámos a cantar no tapete, todos os dias. No início, as crianças recusavam-se a cantar, mas como era algo constante, as crianças começaram a cantar.

Na área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita as crianças de três e quatro anos ainda mantêm a dificuldade em responder a algumas questões, assim como ter um discurso coerente. As crianças mais velhas não apresentam qualquer dificuldade a este nível.

Em relação à escrita, as crianças de 4 anos já copiam algumas palavras e as crianças de 5 anos já conseguem escrever algumas palavras sozinhas, e copiar uma grande variedade delas.

A área da Matemática, inicialmente apenas trabalhada com as crianças de 5 anos, foi ao longo do ano sendo introduzida a todo o grupo.

As crianças de 3 e 4 anos apresentam algumas dificuldades na associação do número à quantidade.

As crianças de 5 anos, não apresentam qualquer dificuldade.

A área de aprendizagem das TIC, não foi trabalhada, sendo impossível fazer uma avaliação do grupo.

5.3. Validação dos Resultados

A evolução do grupo durante a prática pedagógica foi-se comprovando através da realização dos relatórios diários e das listas de verificação de competências, que nos deu mais ferramentas, que nos ajudaram na avaliação do grupo.

Fazendo a comparação entre a lista de verificação de competências construída no início do estágio e a lista de verificação de competências construída no final do estágio é possível verificar-se melhorias no comportamento das crianças, mais concretamente na interiorização de regras.

No final do ano, o grupo apresentava-se de forma diferente, havia momentos de partilha de experiências no tapete, o momento de trabalhar era algo regrado e só após o trabalho era a altura de brincar. Verificaram-se também, menos conflitos entre as crianças e entre as crianças e os adultos, confirmando o que defendem Brazelton e Sparrow (2013) que as regras permitem uma boa convivência com os adultos e com as crianças de toda a comunidade escolar, respeitando as suas decisões, e dando a entender ao grupo que há tempo para trabalhar e tempo para brincar no jardim-de-infância, definindo, conhecendo e observando as rotinas da sala.

Numa análise feita às duas listas de verificação de competências construídas (diagnóstica e final) (anexo 13), podemos também verificar grandes diferenças nos comportamentos das crianças.

O grupo também interiorizou as rotinas da sala e respeitou-as, conseguindo perceber que a manhã estava planeada de modo a que houvesse tempo para tudo, constatando o que dizem Hohmann & Weikart (2003) que a existência de uma rotina diária permite às crianças compreenderem a sequência e o significado dos acontecimentos do dia.

Após a análise das tabelas de verificação de competências, foi construída uma outra tabela para podermos comparar a evolução do grupo na área de intervenção (anexo 13), onde é possível constatar que houve melhorias significativas no comportamento do grupo. Na primeira avaliação observámos que apenas duas crianças tinham adquirido o conceito de rotina e que dezassete das crianças não reconheciam as rotinas, na avaliação final constatámos que as dezanove crianças reconheciam e respeitavam as rotinas da sala.

Em relação ao cumprimento das regras da sala, podemos verificar que no início da prática pedagógica, apenas quatro crianças cumpriam as regras, sendo que a maioria (treze crianças) não cumpria as regras da sala de jardim-de-infância. A avaliação final revela números opostos, sendo que treze crianças cumpriam de forma exímia as regras e

apenas cinco mostraram não respeitar as regras previstas para o bom funcionamento da sala.

5.4. Reflexão

Durante a prática pedagógica tentou-se sempre que a relação com os intervenientes educativos assentasse em princípios profissionais e éticos. A relação com o grupo, em particular, foi bastante boa desde início, procurando sempre ouvir todas as crianças e relacionar-me com todas elas, promovendo a participação do grande grupo nas atividades propostas, seguindo o que nos diz o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto “No âmbito da relação e da ação educativa, o educador de infância (...) Promove o envolvimento da criança em atividades e em projetos da iniciativa desta, do grupo, do educador ou de iniciativa conjunta, desenvolvendo-o individualmente, em pequenos grupos e no grande grupo, no âmbito da escola e da comunidade”.

A área de intervenção prioritária, escolhida para trabalhar, através da observação direta, da construção de uma lista de verificação de competências (anexo 1) e da realização de relatórios diários, foi “Conviver com Regras na Educação Pré-Escolar”, dado que o grupo apresentava diversas dificuldades na área da Formação Pessoal e Social, como por exemplo não conseguirem formar um comboio, não conseguirem distinguir a hora de realizar as atividades propostas da hora de brincar, não conseguirem manter uma conversa em grande grupo no tapete, entre outras. O Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto também defende que o educador deve promover o desenvolvimento do grupo nesta área da Formação Pessoal e Social, educando para a cidadania.

Em relação à 1ª avaliação, realizada em Novembro, é notória uma grande evolução do grupo, nesta área como pode ser visto na lista de verificação de competências presente no anexo 13. A maior evolução foi feita ao nível do cumprimento das regras da sala, algo que se tentou incutir no grupo através de conversas com o grupo e de estratégias de implementação das atividades, como o trabalho em grupo e a pares, e também no reconhecimento de rotinas da sala, algo que o grupo não tinha interiorizado, começando a manhã sempre com a marcação de presenças, seguido do desenho no caderno, depois sentar no tapete para cantar e

conversar um pouco sobre o que iríamos fazer ao longo da manhã e escolher o chefe de sala, de seguida as crianças tomavam o reforço da manhã e depois realizavam a atividade proposta e só depois iam para o recreio ou brincar pelas áreas. As manhãs foram sempre planeadas por esta ordem o que permitiu ao grupo adquirindo a noção de rotina.

No início só as crianças que queriam é que marcavam a presença, só as crianças que queriam é que faziam um desenho no caderno, nuns dias era eleito o chefe de sala e noutros não havia chefe de sala. Havia manhãs em que todas as crianças realizavam atividades planeadas pela educadora e outras manhãs em que só as crianças que queriam é que realizavam as atividades.

Na fase final da prática pedagógica as crianças já percebiam que a manhã estava planeada de forma a haver tempo para tudo, desde brincar a trabalhar, conseguindo respeitar o que era pedido em determinado momento da manhã.

Para a vida profissional futura, o desejo é continuar a desenvolver boas práticas pedagógicas, refletindo e melhorando sempre aquilo que fazemos.

Segundo os Padrões de Desempenho Docente (Despacho nº 16034/2010, 22 outubro) o educador de infância deve estar em constante atualização a nível profissional e numa atitude reflexiva das suas práticas, recorrendo à sua formação para o melhoramento das mesmas.

Este ano de estágio permitiu-nos perceber melhor o funcionamento de um grupo e de uma sala, por serem três manhãs e não apenas uma, como se verificava na Licenciatura em Educação Básica. Foi possível conseguir uma melhor ligação ao grupo e a toda a comunidade educativa, dando-nos a oportunidade de adequar da melhor forma a nossa prática, indo ao encontro do que dizem as OCEPE (1997), que é fundamental o educador de infância conhecer as crianças e o grupo para conseguir adequar a prática educativa às necessidades reais do grupo. O educador deve conhecer o seu contexto familiar, bem como o meio em que as crianças vivem, de modo a perceber melhor as características das crianças e como trabalhar com elas.

6. Conclusão

Fazendo uma retrospectiva deste período de estágio é possível perceber que no início, a interação com o grupo nem sempre foi fácil. Apesar de as crianças nos terem aceitado bem e terem facilitado o processo de integração, foi complicado interiorizarem algumas regras para o bom funcionamento da sala. O facto das crianças se recusarem a fazer as atividades propostas pela educadora, de não haver um período para trabalhar e de não haver momentos de partilha de experiências no tapete, era algo que nunca tínhamos experienciado noutros locais de estágio tornando-se assim complicado introduzir rotinas na sala.

Como já foi dito, no início da prática pedagógica, foi possível verificar lacunas na interiorização e cumprimento de regras para o bom funcionamento do grupo na sala de jardim-de-infância. Segundo Portugal & Laevers (2010), as crianças precisam de conhecer os limites e as regras, para conseguirem obter estabilidade organizacional e comportamental. Seguindo esta teoria foram elaboradas diversas estratégias que ajudaram na mudança comportamental do grupo como proporcionar mais momentos de tapete em grupo, tentando captar a sua atenção através de breves diálogos ou de contos, conseguindo que cada um respeitasse o seu espaço e o do outro. Conseguiu-se também que as crianças conhecessem as regras e as rotinas da sala, que houvesse um período regrado de trabalho, e que as crianças soubessem qual a hora de trabalhar e a observassem.

A escolha da problemática surgiu da necessidade de interiorização e cumprimento de regras para o bom funcionamento do grupo na sala de jardim-de-infância, por parte do grupo.

A educadora cooperante não insistia muito na questão das rotinas e deixava o grupo fazer as suas escolhas autonomamente, no entanto, depois tornou-se quase impossível trabalhar com as crianças porque não acatavam as nossas propostas e mesmo que realizassem o trabalho pedido, era sempre acabado com a maior brevidade possível para depois poderem ir brincar.

Penso que mais tarde, quando as crianças já conheciam e respeitavam as rotinas da sala, começaram a realizar as atividades com maior dedicação, porque sabiam que havia sempre espaço reservado para as suas brincadeiras livres.

Apesar de não ter sido um dos objetivos iniciais, o grupo desenvolveu um grande espírito de cooperação, através das atividades desenvolvidas a pares e em grande grupo.

O trabalho desenvolvido com a educadora cooperante tornou-se essencial para o bom funcionamento do grupo na sala, interiorizando as regras da sala e respeitando as rotinas desta.

O facto de ser um grupo com o qual não foi fácil trabalhar, inicialmente, deu-nos uma relação mais consistente com o mesmo, uma vez que o esforço feito teve de ser muito maior para conseguir cativar todas as crianças, fazendo com que todas cooperassem para o bom funcionamento da sala.

As três manhãs de estágio dão-nos uma grande ligação ao grupo e a sensação de que o nosso trabalho realmente cumpriu os objetivos pretendidos.

Terminamos este relatório com uma citação de Antoine de Saint-Exupéry, que retrata o que sentimos ao terminar este período da prática pedagógica, "Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós."

Referências Bibliográficas

Bogdan, C. R., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Brazelton, T. B., & Sparrow, J. D. (2013). *O Método Brazelton, A Criança e a Disciplina*. Lisboa: Editorial Presença.

Cardona, M. J. (2007). *A avaliação na educação de infância: as paredes das salas também falam! Exemplo de alguns instrumentos de aopop*. Santarém: Cadernos de Educação de Infância.

Cordeiro, M. (2010). *O Livro da Criança*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

DEB. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes Uma Estratégia de Formação de Professores*. Porto: Porto Editora.

Felício, H. M., & Oliveira, R. A. (2008). A formação prática de professores no estágio curricular. (E. UFPR, Ed.) *Educar*, 215-232.

Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2003). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Leleux, C. (2006). *Educar para a cidadania*. Vila Nova de Gaia: Galivro.

Marques, T. P. (2011). *Clínica da Infância*. Oficina do Livro.

Neves, I. (2007). A Formação Prática e a Supervisão da Formação. *Saber (e) Educar* 12, 79-95.

Oliveira, N. d. (2012). *O Sentido da Avaliação na Educação Infantil : uma análise das percepções e práticas avaliativas nos CEIs e CMEIs de Anápolis- Goiás* . Anápolis.

Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal.

Pereira, P. C., & Galeão, T. F. (2003). *Experiências de Terrenos na Formação Inicial de Professores*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Saint-Exupéry, A. d. (s.d.). *Frase de Antoine de Saint-Exupéry*. Obtido de kdfrases: <http://kdfrases.com/frase/153315>

Santos, P., Portugal, G., Libório, O., Figueiredo, A., Abrantes, N., Silva, C., & Góis, S. (2011). *Um sistema de acompanhamento das crianças (SAC) em jardim-de-infância- Uma via para a diferenciação pedagógica e inclusão*.

Tavares, J., Pereira, A. S., Gomes, A. A., Monteiro, S. M., & Gomes, A. (2007). *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Porto: Porto Editora.

Legislação:

Decreto-Lei nº241/2001 de 30 de agosto. Diário da República- I Série- A. Ministério da Educação

Despacho nº 16034/2010, 22 outubro

Anexos

Anexo 1- Lista de verificação de competências diagnóstica

Anexo 2- Guiões de Maria João Cardona

Anexo 3- Planta inicial da sala

Anexo 4- Planta final da sala

Anexo 5- Plano anual curricular

Anexo 6- Relatório diário de 22.10.2013

Anexo 7- Relatório diário de 18.11.2013

Anexo 8- Relatório diário de 28.10.2013

Anexo 9- Relatório diário de 14.01.2014

Anexo 10- Relatório diário de 25.11.2013

Anexo 11- Relatório diário de 03.06.2014

Anexo 12- Lista de verificação de competências final

Anexo 13- Análise das listas de verificação de competências (diagnóstica e final)